

A CONSUMAÇÃO DA DECADÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE THE CONSUMPTION OF DECADE IN CONTEMPORARY

Flávio de Oliveira Silva¹

RESUMO: Este artigo traz, inicialmente, uma compilação dos resultados de análises e reflexões das pesquisas que realizamos acerca do tema da decadência (*Verfallen*), a partir do pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger. Apresentamos esse conceito como questão fundamental para a superação da metafísica na concepção heideggeriana, destacamos os antecedentes históricos que teriam conduzido Heidegger a gestar o conceito de decadência; o registro do surgimento desse conceito na sua filosofia e, por fim, fazemos um recorte de passagens fundamentais da filosofia e das ciências, a fim de caracterizar a consumação da decadência na contemporaneidade.

Palavras-chave: Decadência. Heidegger. Contemporaneidade. Consumação.

ABSTRACT: This article initially brings a compilation of the results of analyzes and reflections of the research we carried out on the theme of decadence (*Verfallen*), based on the thought of the German philosopher Martin Heidegger. We present this concept as a fundamental issue for overcoming metaphysics in the Heideggerian conception, we highlight the historical antecedents that would have led Heidegger to create the concept of decadence; the record of the emergence of this concept in his philosophy and, finally, we make a cut of fundamental passages of philosophy and sciences, in order to characterize the consummation of decadence in contemporaneity.

Keyword: Decadence. Heidegger. Contemporaneity. Consummation.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo segue na indicação já sinalizadas em outros trabalhos², cujos temas tangenciam as questões em discussão neste texto. Nos trabalhos a que faço referência, explicito o conceito de decadência concebido por Heidegger, apresentando-o como questão fundamental para a superação da metafísica; examinei o conceito de metafísica da tradição filosófica e as críticas apresentadas por Heidegger a esse modelo de concepção e *modus operandi* de pensar e gestar o mundo. Em paralelo, busquei apresentar o sentido de metafísica que norteia o pensamento de Heidegger, uma concepção singular que o teria conduzido a propor a sua superação como pontapé inicial para o impensado, isto é, para o “ainda-a-ser-pensado”. Abordei pontos diferenciais entre a reivindicação da superação da

¹ Professor titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em Filosofia pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia UFPB-UFRN-UFPE, com estágio doutoral na Università degli Studi di Padova. E-mail: fosilva@uneb.br

² A metafísica na ciência moderna - uma discussão heideggeriana (2015); Da indicação dos problemas da metafísica para a metafísica como problema: uma discussão heideggeriana (2016); A metafísica - polo de discussão entre Heidegger e Carnap (2017).

metafísica (*Überwindung der Metaphysik*) promovida por Heidegger e as reivindicações de superação apresentadas por outros ícones da filosofia como Rudolf Carnap (1891-1970) e Nietzsche (1844-1900). Assim como Heidegger, esses filósofos da contemporaneidade projetaram em suas obras ou em partes dela, o propósito de superação da metafísica. Carnap, com seu afamado artigo *A superação da metafísica pela análise lógica da linguagem*, de 1932, movimentou parte da comunidade filosófica de seu tempo para a referida superação, considerando-a necessária para a própria manutenção da filosofia. Ele pretendeu a refutação da possibilidade do saber metafísico e desenvolveu sua argumentação tendo como cerne a lógica e a linguagem para a desconstrução, ou melhor, para a destruição da metafísica.

Décadas antes de Carnap, Nietzsche já havia empregado o seu labor filosófico no afã de destituir a metafísica do reinado principiado com a filosofia. A última fase dos seus escritos, considerado por muitos especialistas como a terceira fase do seu pensamento³, pode ser interpretado como o desfecho de sua tentativa de superação da metafísica, por concebê-la como vontade do pensamento que funda e estabelece a divisão entre um suposto mundo ideal e o mundo real. Ainda que Nietzsche não tenha se debruçado efetivamente sobre a temática metafísica, tratou de desconstruir e alijar categorias caras à metafísica, a exemplo da concepção de essência, verdade e bem. A mais emblemática concepção metafísica da metafísica, a questão do ser, sequer foi detidamente tematização na sua obra, haja vista a repulsa do filósofo em relação à tarefa da metafísica tradicional. Os trabalhos já referidos na primeira nota se debruçaram nos limites e diferenças entre essas tentativas contemporâneas de superação da metafísica. Argumentou-se que apesar de Heidegger ter se valido do termo superação para explicitar os problemas da metafísica, não se deve entender essa empreitada como refutação à metafísica, posto que, para Heidegger, o sentido de metafísica ultrapassa os limites de um conceito e não se resume a um modo de conhecer, ou seja, Heidegger não restringe simplesmente o sentido de metafísica à pergunta pelo ser do ente, conforme se faz na filosofia tradicional. A metafísica expressa o próprio colocar-se do homem enquanto ser e enquanto relação e

³ Os especialistas dividem os escritos de Nietzsche em fases que demarcam mudanças de tema em seu pensamento, no entanto, adverte Giacóia, a serventia maior dessa divisão é para fins didáticos (GIACÓIA, 2007, p. 30). Uma divisão semelhante com pequena variação é também fornecida na obra de ANDLER (1958, p. 13) em que o autor expõe a primeira fase caracterizada como sendo do pessimismo romântico (1869 a 1876), a segunda caracterizada como a fase do positivismo cético (1876 a 1881), a terceira fase considerada como a fase da maturidade do autor em relação aos temas de sua filosofia (1882 a 1888).

unidade com o mundo. A realização da existência é já a assunção da transcendência. A linguagem é transcendência e esses âmbitos de expressividade do ser, comporta igualmente o sentido de metafísica para Heidegger.

O trabalho que resultou na minha tese de doutorado pontuou a diferença de compreensão de metafísica entre a tradição filosófica e o de Heidegger e, com isso, a extensão do sentido de metafísica para o filósofo. Disto resulta que o problema da metafísica tradicional não se resolveria, por exemplo, refutando o conceito de ser, essência, bem e verdade ou rechaçando os termos ser e essência, ou ainda deslocando a questão simplesmente para o âmbito da linguagem sem atentar para âmbitos profundos e enigmáticos de seu acontecimento. O acontecer da linguagem, antes de qualquer analítica normativa, é transcendência, e esta, por sua vez, transita e é o que é na dimensão metafísica. Diferentemente das tentativas de superação correlatas, o intento heideggeriano não pretendeu superar a metafísica refutando-a ou deixando-a para trás, mas, ao contrário, se propôs a apropriar-se da metafísica, a princípio retomando as concepções tradicionais, a fim de compreender o seu mecanismo interno, para então vislumbrar o solo em que de fato a metafísica requisita ser apreendida.

Superar a metafísica na concepção de Heidegger, não diz outra coisa senão: superação metafísica da metafísica tradicional. Isso significa dizer: a superação é metafísica. Ou seja, esse superar não se dá fora da metafísica, como se pudéssemos compreender algo fora do sentido que promove a apreensão desse algo. Não é legítimo se considerar fora da metafísica simplesmente por não se ter em mira ou não se perguntar pelo ser do ente. Conforme Heidegger, nós nos movimentamos e nos reconhecemos ser, mesmo quando não atentamos para isso racionalmente ou não perguntamos tematicamente pelo ser. A metafísica pressupõe compreensão⁴, a compreensão só é possível na dimensão de ser e estar, o que significa dizer, transcender. O que precisa ser superado é a concepção de metafísica e as categorias a ela rotuladas da tradição filosófica. Ou seja, é a concepção de metafísica da metafísica tradicional que requisita ser superada. Superar a metafísica pressupõe inicialmente compreender o movimento de instauração dos seus conceitos na história do pensamento atentando para as decisões históricas que

⁴ Essa compreensão referida não é no sentido do conhecimento resultante de uma operação racional. Compreensão no viés heideggeriano é próprio do ser do homem, é o dar-se conta de ser. Apenas o ser humano compreende ser. "O que se pode na compreensão enquanto existencial não é uma coisa, mas o ser como existir" (HEIDEGGER, 1998a, p. 198).

planificaram a destinação do que ficou concebido como metafísica. Somente a partir de então, abre-se a possibilidade de pensamento para o ainda não pensado.

Nos trabalhos referidos pontuamos que nos textos de Heidegger pós virada⁵, o filósofo atentou para o acontecimento da metafísica como destinação histórica. Em sua destinação histórica a metafísica se perfaz como movimento que segue seu curso autonomamente subsidiada pelo pensar e falar dos filósofos em cada época. Ou seja, a metafísica resulta da destinação sempre em curso, alcançando na era atual seu último estágio. Conforme Heidegger, o que se projetou como metafísica, seja como saber ou como movimento constitutivo do ser humano, desencadeou o distanciamento, o afastamento e negação do ser em favor do ente, muito embora a filosofia considerasse e tenha se autodeterminado como investigação do ser do ente. A esse afastamento do ser em favor do ente, Heidegger nomeou pelo termo decadência, “*Verfallen*”.

Nas pesquisas desenvolvidas mostrou-se como condição *sine qua non* para a superação da metafísica, o dar-se conta desse movimento de decadência compreendendo-o como constitutivo da metafísica, isto é, como um constitutivo da história do ser, tendo em vista que, para Heidegger, a metafísica se configura como história do ser. Essas argumentações, explicitações e resultados foram pontos determinantes para que se pudesse afirmar a concepção de decadência em Heidegger, como conceito fundamental na superação da metafísica. Uma vez concebido o movimento da decadência como um constitutivo fundamental da metafísica que precisa ser compreendido e apreendido como vigência na história do ser, ficou igualmente garantido que o dar-se conta dessa decadência se constitui como passaporte para a superação da metafísica.

Após conclusões nesta direção, novos horizontes de investigação se apresentaram: indicar os alicerces que possivelmente teriam conduzido Heidegger a entrever o movimento de afastamento e declínio existencial humano em relação ao ser e, mais que isso, apresentar seus sinais e acontecimentos nos atos objetivos da história do pensamento. Essa investida se embasa no entendimento heideggeriano, segundo o qual a questão do pensamento não nasce do acaso nem do nada. Sua construção histórica se revela na

⁵ Termo utilizado por Heidegger para referir-se à mudança de “ser e tempo” para “tempo e ser” e mais tarde para a mudança esperada que consistiria na passagem do “esquecimento do ser” para a sua lembrança. A expressão “virada” (*Kehre*) e suas consequências ocasionaram uma divisão de fases no pensamento de Heidegger (INWOOD, 2002, xxii).

história do pensamento enquanto diálogo com o tempo. O novo que dele brota está na forma da colocação, pois ele mesmo, o pensamento, é um reverberar da questão da filosofia que é sempre uma e a mesma, isto é: o problema do ser.

A partir dessa afirmação, segundo a qual a questão da filosofia é sempre uma e a mesma, mostrou-se pertinente divisar o lugar da decadência na questão do ser, os antecedentes históricos que teriam conduzido Heidegger a planificar a questão da decadência no seu labor filosófico, para enfim apresentar acontecimentos factuais que apresentem a plenificação da decadência na contemporaneidade. Segue-se um recorte dos antecedentes históricos que se mostram determinante na projeção do conceito de decadência apresentado por Heidegger.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO CONCEITO DE DECADÊNCIA

Seguindo a indicação heideggeriana, tomemos por foco os filósofos com os quais Heidegger discorre sobre suas rejeições à metafísica, a fim de identificar correlações com o tema da decadência. Nietzsche, a quem Heidegger devotou especial atenção, sobretudo na última fase de seus escritos, tendo, inclusive elaborado diversos textos sobre sua filosofia, surge como o filósofo, cuja contribuição sobre o tema da decadência parece ter sido decisiva. Importa atentar para o sentido de decadência que pode ser visto na filosofia de Nietzsche, ao tratar do homem efetivo e real em sua relação com o mundo. Ainda que este filósofo não se utilize de termos como ser do homem e essência humana, pode-se dizer que ele discorre sobre a inerente e imanente condição humana. Como termo filosófico, a “decadência” está nos escritos de Nietzsche, a exemplo do texto *O caso Wagner, um problema para Músicos*, de 1888, na grafia francesa *décadance* (WA/CW, §5)⁶. Desde então, o termo passa a designar um dos principais conceitos de sua filosofia para explicitar não apenas a natureza biológica dos seres, mas também o âmbito histórico, político e cultural do ser humano.

⁶ Para referência de textos publicados por Nietzsche será utilizada a convenção proposta pela edição Colli/Montinari das *Obras Completas* de Nietzsche, colocando-se a sigla da obra em alemão e em seguida a sigla da tradução para o português.

As três fases do pensamento de Nietzsche abordam a questão da decadência,⁷ imprimindo a este termo um sentido fundamental. Na primeira fase do pensamento de Nietzsche (1870 a 1876) que tem como ponto central discutir o destino da arte e da cultura no mundo moderno, observa-se que na primeira obra *O Nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*, de 1872, o termo decadência ainda não tinha sido nomeado, no entanto, o sentido já se acha manifestamente colocado. O próprio Nietzsche afirma em *Ecce Homo* – como alguém se torna o que é, de 1888, que na obra *O nascimento da tragédia*, publicado em 1872, há duas decisivas novidades, e uma delas é a exposição de Sócrates como decadente:

As duas decisivas novidades do livro são, primeiro a compreensão do fenômeno dionisíaco nos gregos – oferece a primeira psicologia dele, enxerga nele a raiz única de toda a arte grega. Segundo, a compreensão do socratismo: Sócrates pela primeira vez reconhecido como instrumento da dissolução grega, como típico *décadent*. (GT/NT §1, p. 62).

Nesta citação em referência ao livro de sua primeira fase, pode-se ver o veredicto de Nietzsche em relação a Sócrates. Ele como um típico decadente. E qual é a justificativa para essa afirmação de Nietzsche? Sócrates não compreendeu a verdadeira natureza da realidade que, segundo Nietzsche, consiste na alternância indefinida da criação e da destruição, da alegria e do sofrimento. Conforme Nietzsche, é inerente à unidade da vida, as alegrias, os prazeres, os sentidos, os sofrimentos, os instintos e também a morte. Esse movimento de alternância se apresenta para Nietzsche como um constitutivo da vida. Sócrates, no entanto, teria tentado pôr fim ao sentido trágico da vida apresentando como antídoto, o desenvolvimento, a valorização e supremacia da razão. O filósofo grego se apresenta como decadente na medida em que tenta violar a unidade da vida com a pretensa divisão de mundo entre sensível e inteligível, postulando que se deve evadir-se do mundo sensível em direção ao inteligível, mundo este que seria portador da verdade eterna e da sabedoria. Para Nietzsche isto significou negação da vida e caracterização do que viria a se firmar como instância moral.

⁷ Este termo consta muitas vezes nas obras de Nietzsche escrito em francês: *décadence*. Conforme Kaufmann (1974, p. 73), em informação dada nos anos 30, pelo ensaísta Josef Hoff Miller, Nietzsche passou a empregar o termo *décadance* após a leitura do livro de Paul Bourget: *essais de psychologie contemporaine I* (1883). Contudo, no livro *Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição* (2005), Rogério Miranda de Almeida afirma que já em texto de 1877, Nietzsche se utilizava deste termo em francês para se referir a Cervantes e à sua obra prima, mencionando Cervantes como parte da decadência da cultura espanhola.

Implícita à nomeação de Sócrates como decadente é a decadência operante, que em obras posteriores foi efetivamente delineada e explorada como processo de desvalorização da vida. Na passagem da primeira fase, podemos ver nas entrelinhas que a decadência se apresenta como movimento de distanciamento do real, daquilo que verdadeiramente é. A essa ocorrência, Nietzsche designou como negação da vida e essa negação pode ser igualmente traduzida como decadência. Na segunda fase de Nietzsche (1876 a 1882), cujo foco principal é a valorização da ciência, ele atenua a hostilidade à ciência, presente na primeira fase, e passa a concebê-la como elemento importante para se chegar ao que é essencial à vida. Nesta fase surge propriamente o termo decadência como acontecimento necessário⁸. “O aparecimento da *décadance* é tão necessário quanto um crescimento e um desenvolvimento da vida; não se pode simplesmente eliminá-la. Manda a razão que, ao contrário, a ela seja atribuído seu próprio direito (XIV, 14 (75).” Conforme Nietzsche, a natureza e as relações de poder nela existente, incluindo-se o homem, obedecem às determinações fisiológicas que lhes são inerentes. O modo de ser da vida é o corpo, e este, por sua vez, é constituído de infinitos corpos que estão em luta. A vida se apresenta como força que visa ao combate permanente dos obstáculos que se lhe opõe. A decadência expressa essa deterioração do corpo e dela não se pode fugir. Na perspectiva biológica de Nietzsche, a vida é a luta contra a vigência da decadência, ainda que desta destinação não se possa fugir.

A terceira fase de Nietzsche (1882 a 1889) é o período marcado pela crítica ferrenha do filósofo à metafísica com vistas à sua desconstrução. Por metafísica Nietzsche entende a concepção forjada da existência em dois mundos: o inteligível, relacionado à razão; e o sensível relacionado à aparência. A metafísica se apresenta como expressão dessa divisão imprimindo superioridade ao mundo inteligível em detrimento do mundo sensível. Ou seja, Nietzsche concebe a metafísica como fundadora e fundamentadora da oposição de valores, cujo objetivo se constitui em afastar a multiplicidade e complexidade do mundo dos sentidos. Nesta terceira fase, Sócrates e seus sucessores, isto é, a filosofia em geral, são subsumidos no termo metafísica. A metafísica se apresenta como decadência. Essa fase de

⁸ Nosso propósito é mapear a concepção do termo decadência em momentos significativos do pensamento de Nietzsche, como provável alicerce para gestação do conceito de decadência em Heidegger. Todavia, não se coloca como tarefa neste artigo problematizar esse conceito em Nietzsche, embora convenha sinalizar que na diferença à primeira fase do seu pensamento, Nietzsche compreende a decadência como fenômeno inerente à vida e à condição humana. Na terceira fase há a indicação pelo filósofo que a negação da vida é, na verdade e em última instância, um dos mecanismos de vontade de vida.

Nietzsche pode ser entendida como um arremate do seu pensamento em que a decadência é nomeada como movimento vigente não apenas na esfera biológica, mas também na esfera histórica, política e cultural com implicações determinantes na totalidade da condição humana.

Imaginar a possibilidade de escapar da *décadance* através do estabelecimento de uma guerra conta ela é já um modo de iludir a si mesmo criado pelos filósofos e moralistas. O escape está além de suas forças: o que eles escolhem como meio, como salvação, não é senão uma nova expressão da *décadance* (GD/CI, O problema de Sócrates § 11).

Ou seja, o movimento biológico da vida é apresentado como luta imanente. A vida é esse embate entre vontade de vida e a força imanente da decadência sempre imperante expresso no corpo nas infindáveis lutas das células que batalham pela manutenção de si mesmas. Esse embate respinga na esfera histórica política e cultural. Convém atentar que ao tempo em que Nietzsche tenta refutar a metafísica, reconhece o esforço por ela empreendido como expressão da *décadance*. Outro autor bastante conhecido na Europa dos anos 20 do século 20 é Oswald Spengler, (1880-1936), filósofo alemão que escreveu a famosa obra *A decadência do ocidente*. No prefácio de sua obra, Spengler menciona Goethe e Nietzsche como vultos aos quais considera dever quase tudo e afirma ter adotado de Nietzsche a formulação dos problemas.

Oswald Spengler publicou em 1924, na Alemanha, a obra *A decadência do ocidente* (*Der Untergang des Abendlandes*) em dois tomos que perfazem a edição completa. Trata-se de uma obra volumosa que ficou conhecida não só na Alemanha, mas em todo o mundo. Segundo o editor, a primeira parte já havia sido publicada em 1918. Já naquela época, antes mesmo da primeira guerra mundial, Spengler preconizou o declínio da sociedade plenamente tecnológica. Na introdução da sua obra Spengler anuncia a tarefa para o qual se dispõe: “Nossa tarefa assume então a forma da ideia de uma *morfologia da História Universal* do Universo como História, em oposição à morfologia da natureza, a qual, até hoje, foi, com raras exceções, o tema exclusivo da Filosofia” (SPENGLER, 2014, p. 03). Ainda que não se encontre frequentemente na forma tácita, menção de Heidegger a Spengler quanto ao tema da decadência, Emmanuel Faye (2009, p. 22) afirma que Heidegger foi leitor de Spengler no início dos anos 20, tendo ministrado uma conferência em 1920 em Wiesbaden com o seguinte título: “Oswald Spengler e seu livro *A decadência*

do ocidente”. Entre outras questões, Faye afirma a considerável influência de Spengler sobre Heidegger, apesar de este fato não constar nas referências do filósofo. Heidegger teria aprofundado a noção de decadência para o âmbito existencial, a partir das considerações históricas de Spengler,

O SENTIDO DE DECADÊNCIA NO PENSAMENTO DE HEIDEGGER

Na filosofia de Heidegger, o termo *Verfallen* aparece antes mesmo de sua obra capital *Ser e tempo*. Nas preleções ocorridas nos anos de 1921-1922, posteriormente publicadas sob o título *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles: indicação da situação hermenêutica*, o termo em alemão *Verfallen* expressa o sentido de decair, cair em ruína. Justifica-se a assunção desse termo em razão da construção histórica que perfaz o referido termo. O que Heidegger gesta de sentido, a partir do já produzido na nomeação do termo decadência resulta do aprofundamento ontológico da questão, não apreendido devidamente por Nietzsche e Spengler. Decadência na dimensão heideggeriana nomina o acontecimento concernente à condição humana. “Esta predisposição em ser absorvido pelo mundo é o destino mais íntimo que afeta a vida fáctica” (HEIDEGGER, 2002, p. 39).

A indicação de Heidegger nos remete às relações humanas e ao comportamento do homem no seu dia-a-dia cada vez mais mergulhados no impessoal. Ordinariamente, o homem absorve e reproduz o entendimento forjado de si mesmo e do outro a partir das indicações cotidianas produzidas pelo marketing e publicidades de organizações públicas e privadas da sociedade. Essa propensão tem se mostrado acentuada nos tempos atuais. A expansão das redes sociais em voga tem sido uma mola propulsora a desencadear um surto de pseudoconhecimentos gerados no mundo virtual com implicações na vida cotidiana. Mais do que isso, perigosamente elas ratificam equivocadamente nossa “identidade” dizem “quem somos”, “onde estamos” “o que fazemos”, “do que gostamos”, “quem são nossos amigos” e “quais são nossos interesses”, projetando a sensação de conhecimento sobre nós mesmos, sobre o outro e sobre a situação vigente. Em razão das redes sociais os encontros são devidamente programados. As redes nos apresentam pessoas e nos propõem situações. Estimulam nosso julgamento nesta ou naquela direção. O poder das redes sociais se mostra incomensurável a ponto de instituições e serviços requisitarem a verdade de nossos cadastros mediante sincronia com as redes sociais. Sem elas muitos serviços não podem

ser acessados. Tudo se sabe do outro, das instituições e situações, sem, na verdade, saber. Tudo se sabe e de tudo se fala em velocidade impressionante e com aparente riqueza de detalhes. Em *Ser e tempo*, Heidegger trata desse fenômeno da cotidianidade com o termo falatório (*Das Geredete*). No falatório da cotidianidade não ocorre a apropriação originária do que se está a dizer. Ocorre meramente um repetir e passar adiante a fala.

O falado no falatório arrasta consigo círculos cada vez mais amplos, assumindo um caráter autoritário. As coisas são assim como são porque delas se fala assim. Repetindo e passando adiante a fala, potencia-se a falta de solidez. Nisso se constitui o falatório. O falatório não se restringe apenas à repetição oral da fala, mas se expande no que escreve enquanto o “escritório” (HEIDEGGER, 1998a, p. 228).

O falatório alcança na atualidade sua plenitude a ponto de, em sua mais alta escalada e curto espaço de tempo, movimentar a massa humana, derrubar e erigir governo, redirecionar o destino de uma nação, culpar inocentes e inocentar culpados. No falatório importa o falado e o escrito sem o questionamento quanto ao fundamento⁹. Com Heidegger, o sentido de decadência não deve ser interpretado como um estado ou condição submetida ao arbítrio humano, como se a sua ocorrência estivesse plenamente na esfera da decisão racional livre e consciente. Dito isto, segue-se que ela não tem conotação moral e, portanto, não deve ser associada à ideia de valor positivo ou negativo. Trata-se de um acontecimento inerente ao *Dasein* e ao mundo circundante que perpassa a história do pensamento. Ela é a expressão da história. Com o termo decadência Heidegger nomina e dá a conhecer um movimento que considera ser concernente à condição humana. O termo busca expressar uma propensão, uma inclinação intrínseca do homem em deduzir o que ele é a partir das suas ocupações com o mundo público. *Verfallen*, cuja tradução para a língua portuguesa se consagrou como decadência, indica que o homem decai, porque ele não se reconhece desde si mesmo. Estar na decadência significa não se reconhecer naquilo que se é e como é. Segundo Heidegger, esse acontecimento não é algo fortuito e passageiro que algumas vezes ocorre e outras vezes não, ele se apresenta como o destino do homem. Na decadência o homem interpreta a si mesmo a partir de suas ocupações e preocupações correntes, ele não tem a visão de toda a sua vida desde o seu nascimento até a sua morte,

⁹ Esse fenômeno é levado às últimas consequências na atualidade. Abre-se mão do questionamento quanto ao fundamento do falado e do noticiado para considerar tão somente o teor da repercussão aliada à capacidade de mobilização.

pois unicamente as pendências atuais de sua vida lhe despertam a atenção e promovem o entendimento sobre si mesmo.

Quanto mais a maioria dos homens se vê, contudo, presa no cotidiano à respectiva aparência e às opiniões correntes sobre o ente, quanto mais eles se sentem bem aí e se acham assim ratificados, tanto mais se lhes “oculta” o ser (HEIDEGGER, 2007, p. 174).

Nas preleções posteriores de 1923-1924, publicadas sob o título *Introdução à pesquisa fenomenológica*, o termo decadência se estabelece como um aspecto do que Heidegger denomina como *Sorge*, termo traduzido por Márcia Shuback em *Ser e tempo* como *cura*¹⁰.

Conforme já indicado, ainda que o termo decadência comporte o sentido de deterioração, ele não deve ser entendido no viés de uma desaprovação moral, pois não se trata de uma fuga deliberada e racionalmente decidida. Nos escritos dos anos 30, a concepção de decadência segue os mesmos contornos que caracterizam o tema da “virada” (*Kehre*)¹¹ no pensamento de Heidegger. Com a “virada” a decadência não mais é pensada e centralizada no *Dasein* como o espaço privilegiado de revelação, ainda que permaneça a traduzir-se como constitutivo do *Dasein*. A partir dos anos 30, a decadência passa a ser pensada no sentido da história do ser como “um declínio histórico” a expressar a própria história do ser, conforme exposição na obra *Hinos de Hölderlin “Germânia” e “O Reno”* de 1934-1945 (HEIDEGGER, 2004, p. 118)¹². Se, por um lado, a decadência expressa “um declínio histórico” na medida em que revela a colocação da questão do ser à margem da discussão filosófica, por outro lado, expressa o modo próprio do ser se apresentar, isto é, enquanto retração e velamento de si mesmo. As justificativas são muitas para o abandono e até mesmo para a desqualificação da questão do ser: quimera, fumaça evaporante, indizível da linguagem, utopismo, etc.

¹⁰ A *cura* expressa uma espécie de síntese da análise e interpretação do *Dasein* desenvolvida pelo filósofo até o § 41 de *Ser e tempo*.

¹¹ Termo em referência a mudança que se opera após a obra *Ser e tempo*, tendo em vista que o filósofo desloca a discussão de “ser e tempo” para “tempo e ser” e, mais tarde, para a passagem do “esquecimento do ser” para a sua lembrança (INWOOD, 2002, p. xxii). A expressão em pauta e suas consequências ocasionaram uma divisão de fases no pensamento de Heidegger.

¹² Conforme § 10 no item β *O declínio da pátria enquanto emergência da nova unidade entre a natureza e o homem*.

Essa percepção heideggeriana clarifica, por exemplo, o porquê da não-verdade, do erro e do nada serem assumidos pelo filósofo como questões que estão na verdade do ser como modo obscuro e velado do ser se apresentar. A decadência denuncia uma destinação em curso. Visualizada na perspectiva do primeiro Heidegger, a tematização é dirigida para o *Dasein*, mas quando visualizada nos textos da maturidade, seu foco se volta para a história do ser e passa a expressar um declínio histórico. Destino concebido na segunda fase como o acontecimento do qual não se pode esquivar. Em outras palavras o acontecimento da decadência no pensamento de Heidegger se dá como cumprimento de um destino no sentido de algo inevitável e inalterável. Tanto no primeiro momento como no segundo, o filósofo atesta o esquecimento do ser como o acontecimento que expressa o estado de decadência. A questão da decadência tem relação direta com a metafísica que tenta pensar o ser a partir dos entes e incorre na falta de não pensar a diferença entre ser e ente. O segundo Heidegger propõe pensar a questão do ser atrelado ao ser mesmo e busca entrever o acontecimento do ser na própria história em que ele acontece como retraimento. Conforme sucintamente visto, a retração do ser e seu distanciamento em função do ente que se apresenta passam a ser visto como modo autêntico e genuíno do ser se mostrar naquilo que ele também é: retraimento. No tópico que se segue, almejamos apresentar pontos determinantes do fazer humano, cujos resultados apontam para o sentido de decadência gestado por Heidegger.

A CONSUMAÇÃO DA DECADÊNCIA: o cumprimento de uma destinação

A decadência não é apenas é uma questão abordada pela filosofia, ela é também um acontecimento na filosofia. Caracterizar a decadência na história do pensamento constituem uma exposição do movimento da decadência presente na filosofia. Convém questionarmos: Por que e onde estaria a decadência na filosofia? Sem receio de equívoco pode se dizer que *Ser e tempo*, obra de 1927, se apresenta como um dos trabalhos contundentes de Heidegger a denunciar a decadência na filosofia. No primeiro parágrafo, capítulo 1 da introdução, o filósofo afirma a necessidade da repetição do ser sob a justificativa da questão ter caído no esquecimento. Na continuidade dos capítulos da referida obra, o filósofo se desdobra na exposição de sucessivas temáticas tratadas pela filosofia ao longo da história sem atentar para diferença ontológica entre ser e ente

tomando o ser como um ente. A obra apresenta os problemas de investigação da metafísica e é também o esboço da ocorrência da decadência ao relatar o distanciamento da filosofia em relação à questão do ser quanto ao seu sentido.

A apresentação crítica que Ser e Tempo desenvolve, por exemplo, ao conceito de homem é a exposição desse distanciamento operada na história da filosofia em relação ao ser. Na obra em questão, Heidegger desmonta o conceito tradicional de homem como animal racional e como sujeito cartesiano. Ele apresenta as lacunas dessa construção para afirmar que essa concepção não dá conta de pensar o homem em seu ser. Nesta mesma linha de investida outros conceitos fundamentais da filosofia veem à tona e sofrem uma desconstrução. Destacam-se entre eles, os conceitos de mundo, verdade, tempo, história e morte, além do conceito de homem já referido. Conceitos esses que atravessam a história da filosofia, melhor dizendo, a história do pensamento. Essa desconstrução operada nos textos de Heidegger é o atestado da decadência na filosofia ao colocar como resultante do esquecimento da questão do ser. Um texto publicado nos anos 60, *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*, atesta a plenificação da decadência na filosofia. Neste texto, Heidegger radicaliza suas reflexões acerca da decadência na filosofia. Segundo o autor, a filosofia enquanto metafísica, isto é, enquanto investigação do ente enquanto tal e em sua totalidade ou simplesmente investigação do ser do ente, chega à sua destinação, isto é, ao último degrau da destinação possível a partir do seu encaminhamento histórico.

O desdobramento da Filosofia cada vez mais decisivamente nas ciências autônomas e, no entanto, interligadas, é o acabamento legítimo da Filosofia. Na época presente a Filosofia chega a seu estágio terminal. Ela encontrou seu lugar no caráter científico com que a humanidade se realiza na práxis social. O caráter científico desta cientificidade é de natureza cibernética, quer dizer, técnica (HEIDEGGER, 1996, p. 97, itálico nosso).

No texto em questão, Heidegger apresenta a completude da decadência da filosofia e mostra no que ela resulta. A filosofia encaminhada na direção da ciência moderna encontra finalmente seu lugar no rol das ciências modernas. Desde então, pouco se fala e se investe na filosofia como um modo de saber genuíno na diferença ao saber das ciências. Pensada como ciência, deve apresentar utilidade objetiva, definida e resultados mensuráveis objetivamente verificáveis na sociedade. Diuturnamente os pesquisadores da filosofia que pleiteiam inserir projetos em programas de formação acadêmica ou solicitar fomento para

o desenvolvimento de pesquisa necessitam preencher formulários, os mesmos requisitados para preenchimento em projetos de ciência. Mapas e tabelas de acompanhamento devem ser preenchidos com informações de atividades objetivas e resultados verificáveis. A pesquisa filosófica cede lugar ao *modus operandi* das ciências.

Opera-se uma espécie de inversão. A filosofia, outrora suporte das ciências em suas investigações, na contemporaneidade adota a base de sustentação da ciência moderna e redefine a sua tarefa. Nos tempos da consumação da decadência, a filosofia se apresenta como ciência nos moldes propostos a partir da modernidade: “O domínio da ciência impõe o seu formato de pesquisa, perguntas e respostas a todas as demais áreas” (SILVA. F.O, 2021, p, 203). Não é aleatória a estreita relação que passa a se operar entre a filosofia e as ciências sociais como atividade fim. Observamos em nossos dias a crescente apropriação das ciências sociais pela filosofia. Exceto pelos indicativos pontuais em relação a este ou aquele autor, é cada vez mais difícil divisar a diferença entre uma e a outra área investigativa. A filosofia assume, aos moldes das ciências sociais, a tarefa de investigar o funcionamento da sociedade, das leis que regem as relações desta ou daquela sociedade.

A regionalização dá a direção investigativa em detrimento da natureza universal. Na atualidade a filosofia passa a ter fronteiras: filosofia africana, filosofia latino-americana e assim por diante. Abre-se mão de pensar a natureza do universal em favor do regional marcado pela contingência do tempo e do lugar. Decresce o interesse, por exemplo, em investigar a possibilidade de uma natureza humana. Não importa tanto apresentar o que caracterizaria o ser humano. No que se defende, há que se investigar a realidade do homem em um espaço específico e determinado tendo-se em vista as diferenças entre os povos na história, na cultura e no pensamento. É nesta via de percepção que mergulha a filosofia. Requisita-se à filosofia da contemporaneidade o olhar particularizado sobre as mazelas do mundo e sua intervenção objetiva no social. Temas como feminicídio, racismo, questão de gênero, direito das mulheres, entre outros, se tornam próprios da filosofia com vistas a tratá-las no lastro de uma fundamentação social. Nas indicações postas, a filosofia assume a tarefa de radicalizar a pesquisa sociológica. Verifica-se no cenário em curso a crescente determinação da filosofia como Filosofia Social. Estas são, portanto, indicações de um recorte da filosofia em expansão no Século XXI a atestar a consumação da decadência no sentido proposto por Heidegger.

Obviamente essa destinação não acontece abruptamente nem surge do nada. Além dos acontecimentos pontuados na estrutura da história da filosofia, acontecimentos “externos” a ela tiveram repercussão decisiva. Esses acontecimentos foram determinantes para a destinação referida e conseqüente plenificação da decadência. Destacamos dois deles: um referente ao delineamento da ciência contemporânea atestada por Werner Heisenberg e o outro referente ao delineamento da matemática, sobretudo no início do século XX. Os acontecimentos que privilegiamos nesta exposição conduziram à reviravolta linguística se que se opera no mundo aliada a uma ruptura ao modo de acessar e compreender esse mundo. Identifica-se a decadência em tais acontecimentos.

Werner Heisenberg¹³ apresentou na conferência publicada com o título *A imagem da natureza na física contemporânea (Das Naturbild in der heutigen Physik)*, a concepção de ciência que passou a dominar o cenário científico a partir da primeira metade do século XX. Conforme o autor na ciência contemporânea não mais se estuda os entes com vistas a explicitar sua essência, isto é, com o propósito de tipificar sua natureza, a exemplo das ciências precedentes de base metafísica. Segundo o físico, a ciência atual está comprometida com os resultados das relações que se estabelecem ou podem ser estabelecidas entre o homem e a natureza. Importa para a ciência contemporânea observar como se comporta a natureza mediante a intervenção técnica do homem. Ainda, segundo Heisenberg, na referência à física quântica, as pesquisas científicas teriam mostrado a impossibilidade de se caracterizar a existência de partículas elementares “em si”, no tempo e no espaço, anunciando que apenas se pode falar de possibilidades e processos resultantes de inferências ocasionadas na ação recíproca entre a partícula e outro sistema físico.

A noção de *realidade objetiva* das partículas elementares se dissolveu em forma muito significativa, não na névoa de uma nova noção de realidade, obscura ou todavia incompreendida, mas na transparente clareza de uma matemática que descreve, não o comportamento das partículas elementares, mas sim o nosso conhecimento do dito comportamento (HEISENBERG, 1957, p. 17).

Assim, passa a vigorar não mais a pesquisa sobre a natureza em si, e sim a pesquisa do que se apresenta mediante a intervenção humana por meio da técnica. Desde então o interesse em descrever a natureza buscando compreendê-la em sua essência cede lugar à

¹³ Físico alemão ganhador do prêmio Nobel de Física de 1932. Formulou a lei da Mecânica quântica.

tarefa de apresentar um conjunto de informações matemáticas sobre a relação homem, técnica e natureza. Ou seja, interessa na investigação o conhecimento da natureza resultante da intervenção do homem por meio da técnica. Nesse contexto ocorre o que Loparic explicita no artigo *A metafísica e o processo de objetificação*, em que destaca como característica principal da repaginação da nova ciência por meio da física quântica a retirada do solo metafísico da base das ciências e apresenta a matemática como novo parâmetro para se pensar devidamente o modelo de ciência contemporânea em elaboração com a física quântica. Esse acontecimento norteador do novo modo de pensar e proceder da ciência expressa a decadência a que Heidegger tipificou em suas obras. Desde então a ciência abandona a pergunta pela constituição material dos entes. Conforme Heisenberg, a dispensa da investigação sobre a natureza material dos entes resulta da ineficiência neste propósito e também pelo fato de não apresentar serventia alguma.

O físico atesta, portanto, o abandono da pesquisa sobre a natureza dos entes, como se a ciência doravante pudesse a transitar numa dimensão isenta de conceitos e fundamentos, como se o uso de conceitos e fundamentos para o que possa ser dito, não fosse, em última instância, resultante do dizer e da investigação metafísica¹⁴. Convém atestar nessa reorientação da ciência a sua pressuposição de rompimento com a metafísica. Esse divórcio reverbera na própria filosofia que se vê convocada a rever seus fundamentos. A reivindicação de superação da metafísica pretendida na filosofia, sobretudo pelos analíticos, a exemplo já referido de Carnap, resulta de decisões históricas, dentre as quais esse movimento da ciência contemporânea é parte na retroalimentação do estágio de acabamento da filosofia.

Este recorte da reorientação da ciência atual caracteriza uma das decisões históricas para a consumação da decadência na contemporaneidade. Outros recortes são possíveis para compreensão do cenário que se desenrola na atualidade. A física quântica não teria se desenvolvido nesta proporção se antes a configuração matemática que lhe serve de lastro determinante não tivesse sofrido uma quebra de paradigmas milenares. Até o século XIX, a matemática consistia em desenvolver cálculos, apreender e descrever leis numéricas consideradas representativas do universo. A compilação matemática de Euclides, século III a.C, registrada sob o nome: *Elementos de Euclides*, resumia os fundamentos da

¹⁴ No artigo *A metafísica na ciência moderna - uma discussão heideggeriana* (2015), tratei sobre a vigência da metafísica na ciência moderna em contraposição às indicações de Heisenberg e Loparic.

matemática da época de Euclides e perduraram basicamente inalteráveis até o século XIX. A geometria espacial euclidiana, definida a partir dos cinco postulados e dos cinco axiomas (EUCLIDES, p. 98-99, 2009), leis matemáticas e leis gerais, respectivamente, eram os pontos de partida descritos por Euclides para se pensar a estrutura do mundo e da realidade, ou seja, era o modelo do pensamento científico acerca da natureza e do espaço considerado descritível e real.

Basicamente, até o século XIX, os filósofos estavam de acordo quanto à rejeição da experiência sensorial para o conhecimento matemático. Embora a intuição fosse ponto importante a considerar em termos de verificabilidade, no entanto, não era ponto determinante para o conhecimento. Ocorreu que, no conjunto de postulados apresentados por Euclides, um deles, desde a antiguidade, causava certa desconfiança entre os matemáticos dos séculos que se seguiram. O famoso postulado das paralelas, o quinto postulado,¹⁵ não se mostrava evidente e irrefutável por si mesmo, de modo que muitos acreditavam que o referido postulado era dependente dos demais postulados, isto é, dedutível dos quatro primeiros e, portanto poderia ser eliminado. As tentativas de prova nessa direção fracassaram e somente no século XIX esse impasse foi resolvido. O recorte desse acontecimento histórico na matemática expressa o sentido de decadência apresentado por Heidegger: a forma da apresentação assume a primazia da investigação sobre os entes em lugar do conteúdo propriamente dito.

Matemáticos chegaram à conclusão que de fato o quinto postulado era independente dos outros postulados e, portanto, também é um postulado. No entanto, o mais importante nessa conclusão foi a descoberta paralela a essa constatação. Eles descobriram a possibilidade de se pensar sistemas diferentes e até mesmo contrários ao sistema euclidiano, mas igualmente consistente e coerente. Surgia então as geometrias não-euclidianas. Diferentemente da geometria euclidiana, até então concebida como estrutura que descrevia o mundo físico, essas geometrias não-euclidianas não descrevem coisa alguma em particular. Essa descoberta mostrou aos matemáticos que, na verdade, a geometria de Euclides não era necessariamente verdadeira em relação ao espaço real. Ou seja, a consistência e coerência da geometria desenvolvida por Euclides não estava fundamentada na existência do mundo físico. Onde estaria, então, essa fundamentação?

¹⁵ Duas retas convergentes se cortarão quando são ilimitadamente prolongadas (EUCLIDES, 2009, p. 98).

Está na estrutura lógica do pensamento, cujo sistema obedecia a leis do pensamento sem vínculo algum com a intuição sensível. Desde então se multiplicam as possibilidades de geometrias que dão conta de mundos possíveis. Essas descobertas promoveram, junto a outros acontecimentos, uma guinada no pensamento matemático, basicamente cristalizado até o século XIX. A partir de então a matemática passa a ser uma ciência que explora as consequências lógicas de um conjunto de axiomas ou postulados sem levar em conta a possível verdade ou realidade subjacente a esses axiomas. Enquanto que na geometria euclidiana o espaço físico se apresentava como a estrutura que referendava a verdade das proposições; nas geometrias não-euclidianas surge a noção de modelo (estrutura matemática) como referência para estabelecer a verdade das proposições.

Em suma, a matemática deixa de ser uma ciência que trata exclusivamente do mundo sensível e se torna uma ciência que trata de mundos possíveis, devendo-se entender como mundo possível qualquer sistema lógico que em sua estruturação não leve a uma contradição. Não mais concebida estritamente como uma ciência da natureza, a matemática passa a ser uma ciência que explora as consequências lógicas de um conjunto de princípios a ser elaborado e sistematizado sem levar em conta a possível verdade ou realidade subjacente a esses princípios. Importa, desde então, a forma lógica desenvolvida.

Esvazia-se nesta nova acepção de matemática o compromisso do saber com a essência, isto é, com a natureza do pesquisado em questão. O que o manuseado na pesquisa possa ser deixou de ser relevante e não mais interessa para a pesquisa. Os símbolos matemáticos passam a ter significação flutuante e podem ao mesmo tempo não ser referência a coisa alguma. O compromisso é com a estrutura lógica e o que importa são as possibilidades que poderão ser projetadas. O homem abdica da possibilidade de se tornar “*senhor e possuidor da natureza*”, conforme vislumbrou Descartes, e passa a ser senhor e possuidor da capacidade de projeção e realização de mundos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenhamos nos limitado a recortes específicos na área de filosofia e das ciências, especificamente física e matemática, no entanto recortes podem ser feitos nas diversas áreas que perfazem a existência, tais como a ética, política, social, cultural entre outros. Nosso propósito foi mostrar que a decadência alcança sua destinação última e pode

ser vislumbrada não apenas nos acontecimentos históricos do pensamento, mas também nas práxis da vida humana, na medida em que a destinação do pensamento reverbera no labor fático do homem. Cabe salientar que, embora a pesquisa explicita acontecimentos do plano ôntico, objetiva-se tão somente apreender o solo ontológico sobre o qual, entendemos junto com Heidegger, se arregimentam as condições para tais acontecimentos. O propósito de Heidegger nunca foi o de adentrar nas querelas humanas e se restringir ao plano ôntico das relações. Importava ao filósofo o plano estritamente ontológico. Ao realizar a pesquisa com recortes de acontecimentos decisivos da história, o fazemos igualmente nesta pretensão: detectar e mostrar esses encaminhamentos históricos que não se caracterizam como decisão racional desta ou daquela pessoa, nem de uma suposta consciência coletiva, mas como encaminhamentos que segue autonomamente no ser da existência atestando a consumação da decadência na atualidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério Miranda de. Nietzsche e Freud eterno retorno e repetição à compulsão. São Paulo: Loyola, 2005.

ANDLER, C. **NIETZSCHE**. Sa vie et sa pensée. Paris: Gallimard, 1958.

CARNAP, Rudolf. A superação da metafísica pela análise lógica da linguagem. **COGNITIO**, v. 10, n. 2, p. 293-309, jul/dez. 2009.

FAYE, Emmanuel. **HEIDEGGER**: La introduccion del nazismo em la filosofia – En torno a los seminarios inéditos de 1933-1935. Madrid: Akal, 2009.

EUCLIDES. Os elementos. São Paulo: UNESP, 2009.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. **NIETZSCHE**: fim da metafísica e os pós-modernos. In **IMAGUIRE**, Guido et alli (Org.). Metafísica contemporânea. Petrópolis : Vozes, 2007.

HEIDEGGER, Martin. Heráclito. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. Hinos de Hölderlin. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

_____. Nietzsche. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. [v. II].

_____. O fim da Filosofia e a tarefa do pensamento. São Paulo: Nova Cultural, 1996. [Os pensadores].

_____. Ser e Tempo. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1998. [v. Ia e v. IIb].

_____. **INTERPRETACIONES FENOMENOLÓGICAS SOBRE ARISTÓTELES**: Indicación de la situación hermenéutica. Madri: Trotta, 2002.

HEISENBERG. Werner. La imagen de la naturaleza em la física actual. Barcelona: Seix Barral, 1957.

INWOOD, Michael. Dicionário Heidegger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KAUFMANN, Walter. **NIETZSCHE**: Philosopher, Psychologist, antichrist. New Jersey: Pricenton University, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **ECCE HOMO:** como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Genealogia da moral. Uma polemica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOPARIC, Zeljko. A metafísica e o processo de objetificação. *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, p. 09-43, jul/dez. 2008.

SILVA, F. O. A imagem de mundo a partir da concepção de sujeito e da ciência moderna. *ANÃNSI: Revista de Filosofia*, v. 2, n. 2, p. 195-207, 31 dez. 2021.

_____. A metafísica na ciência moderna: uma discussão heideggeriana. *AUFKLÄRUNG: Revista de Filosofia*, v. 2, p. 35-206, 2015.

_____. A metafísica - polo de discussão entre Heidegger e Carnap. *IDEAÇÃO*, v. 1, p. 199-212, 2017.

_____. Da indicação dos problemas da metafísica para a metafísica como problema: uma discussão heideggeriana. *NATUREZA HUMANA*, v. 18, p. 160-187, 2016.

SPENGER, Oswald. **A DECADÊNCIA DO OCIDENTE:** esboço de uma morfologia da História Universal. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.